

TV+

# O susto que dá prazer

Entre o êxtase do risco e o peso das camadas humanas, Bruno Garcia mergulha no vilão que revela feridas do Brasil, na terceira temporada de *Os outros*

POR PATRICK SELVATTI

**A**lguns personagens parecem feitos para testar os limites de um ator, não apenas pela intensidade dramática, mas pelo território simbólico que ocupam. Em sua nova empreitada na série *Os outros*, Bruno Garcia encontrou um desses papéis raros: Manoel, figura marcada pela brutalidade e por uma fragilidade quase invisível, que sintetiza conflitos sociais, ambientais e morais do país contemporâneo.

Antes mesmo de integrar o elenco, ele era espectador atento da série criada por Lucas Paraizo e dirigida por Luisa Lima. Quando o convite veio, trouxe consigo um presente — e um desafio. “O Manoel foi um presente, porque ele é muito diferente de mim, cheio de nuances que eu ainda não tinha acessado dessa maneira”, diz, com a serenidade de quem sabe reconhecer quando um personagem exige tempo, escuta e entrega.

Segundo o ator, diretor e roteirista, esse processo começou muito antes da primeira cena. Passou pela construção física, pelo figurino e, sobretudo, pela materialidade dos espaços. Sem um cenário fixo que mostrasse a casa do personagem, o pernambucano de 55 anos decidiu transformar o ambiente de trabalho em extensão íntima de sua vida. Propôs que o escritório dentro do bar ganhasse sinais domésticos — banheiro, pia, armário com roupas — como se Manoel vivesse permanentemente entre as próprias engrenagens de poder que o sustentam. “Uma pessoa não é só o que ela é, mas o que veste, o que usa, o lugar onde vive”, resume, como quem define um método sem jamais chamá-lo assim.

A terceira temporada da série aclamada do Globoplay desloca a tensão das áreas urbanas para o campo, território onde o personagem ganha novas camadas. Manoel surge como símbolo de um paradoxo brasileiro: alguém que nasce cercado pela natureza e, ainda assim, torna-se agente de sua destruição. O ator conta que pesquisas com especialistas ambientais ajudaram a dimensionar o problema. “Às vezes, a falta de informação faz com que pessoas que poderiam ser a primeira linha de defesa do meio ambiente sejam as primeiras a atacá-lo”, lamenta.

## Homens contraditórios

Em cena, essa contradição ganha corpo em um homem que age com naturalidade brutal, não por perversidade caricata, mas por ignorância estruturada. O reencontro com Lucas Paraizo e Luisa Lima foi decisivo para aprofundar essa complexidade. Os três já haviam trabalhado juntos na série *Sob pressão* — em cinco temporadas, uma delas em plena pandemia —, em que Garcia interpretou o médico Décio, personagem lembrado por um dos momentos mais emblemáticos da televisão recente: um beijo homoafetivo exibido no mesmo dia em que o Supremo Tribunal Federal formou maioria para enquadrar a homofobia como crime. Para o ator, não foi apenas coincidência, mas uma espécie de sincronia simbólica entre arte e realidade. “O Décio foi um personagem emblemático na discussão sobre homoafetividade. Foi um beijo realista entre dois homens e uma coincidência fantástica”, celebra.

Bruno fala dos parceiros com admiração que soa quase fraterna. Chama Paraizo de “craque” e define o trabalho da diretora como uma busca incansável por revelar o inesperado nos personagens. “Quando criamos dramaturgia, estamos criando mundos, e a Luisa é uma exímia criadora de mundos junto com o Lucas”, afirma, com a convicção de quem passou décadas aprendendo a habitar esses universos ficcionais.

Talvez seja essa busca pelo inesperado que explique o impacto visceral da série junto ao público. Garcia descreve a experiência de assistir às primeiras temporadas como um mergulho emocional intenso — daqueles que obrigam o espectador a interromper o episódio para respirar. “Acredito que esse impacto vem justamente da identificação. Quando você se identifica nesse grau de agudeza, você se assusta”, reflete, comparando a sensação ao frio na barriga de uma montanha-russa: o cérebro reage ao perigo simulado com medo real, ainda que a razão saiba tratar-se de ficção. “Esse susto é excitante”, comenta, rindo, como quem reconhece o poder catártico da dramaturgia.